



TCHAU, MÃE! DO SEIO FAMILIAR AO LAÇO SOCIAL

BYE, MOM! FROM THE FAMILY NUCLEUS TO THE SOCIAL TIES

Ana Cristina Del Grande Guaraldo

Psicanalista Membro da APPOA, Mestre em Educação pelo PPGEduc/UFRGS,
Professora na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre / Educação Infantil.

Correspondência

Rua Miguel Couto 197/105 - Porto Alegre - cep 90050.050.
e-mail: anacrisdg@terra.com.br

*"A criança em seu funcionamento de filho terá
de suportar o fato de que amar seus
pais é, sem dúvida, abrir mão deles"
(LEVIN, 2001)*

RESUMO

O artigo relata a experiência da autora no trabalho com crianças pequenas, abordando especificidades do processo de adaptação à escola, a partir de uma escuta psicanalítica do sujeito. Faz considerações sobre o desenvolvimento do sujeito e suas aquisições instrumentais, relacionando-os com o processo de separação do corpo materno no contexto da constituição subjetiva. Também analisa o papel do adulto presente na cena da adaptação, propondo-o como suporte transferencial neste processo.

PALAVRAS-CHAVE

Socialização. Ansiedade de separação. Pré-escolar. Psicanálise. Educação.

ABSTRACT

The text describes the author's experience in working with young children, approaching the specifics of the process of adaptation to the school, from a psychoanalytic listening of the subject. It considers the development of the subject and their instrumental acquisitions, linking them to the process of separation of the maternal body. It also analyzes the role of adults in this adaptation process, proposing these adults as a transference support in this process.

KEY WORDS

Socialization. Anxiety, separation. Child, preschool. Psychoanalysis. Education.

*Tecer o lugar do sujeito nos dispositivos sociais*¹ é o enunciado que me convoca a escrever, tendo em conta uma práxis que venho constituindo num encontro da psicanálise com a educação. Venho pensando sobre um momento de fundamental importância, que são as adaptações das crianças à escola. São fundamentais porque significam uma passagem ímpar na vida de uma criança: a entrada na escola e, portanto, uma separação do núcleo familiar. Isto demanda uma intervenção que considere a dimensão social que a escola representa e a singularidade do sujeito, o qual vem se constituindo na relação com os outros.

Levantamos questão quando este processo causa sofrimento. As mães se angustiam e as crianças manifestam este afeto de inúmeras maneiras. O choro talvez seja uma forma. Mas há outras... Vou lhes contar algo sobre isso, a partir da minha experiência em uma escola infantil da Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

A cada ano, com idade inicial entre um ano e meio e dois anos e meio, as crianças chegam para constituir um grupo. Neste contexto, nós lidamos com uma realidade de miséria e poucas condições de subsistência das famílias, o que, por conseguinte, deixa nebuloso o campo da subjetividade devido ao fato de as crianças estarem expostas a uma vulnerabilidade, em risco de sofrer negligência, violência física e psíquica, contato com drogas e álcool, subnutrição, abandono causado pela falta de um adulto que funcione como referência, dentre outros. Sabemos que não são as condições materiais que determinam uma constituição psíquica. No entanto, no jogo intersubjetivo entre pais e filhos, as funções parentais podem ser representadas pelo provimento de alimento, agasalho ou cuidado e bem-estar e, então, se um sujeito sofre um excesso de privações e frustrações, é de se considerar que

esteja claudicando para exercer tais funções porque a miséria traz a possibilidade de ele se dispor ao outro como um ideal.

As crianças pequenas com as quais trabalho na periferia de Porto Alegre são capazes de estar 'sufocadas' sob o véu desta miséria que, ao longo do trabalho, vamos tratar de ventilar para, dali, advir um sujeito em sua tecitura significativa. No momento de desenvolvimento em que as crianças estão, se realizam significativas aquisições de linguagem, controle de esfíncter, hábitos de vida diária, dentre outras. Essas aquisições vão dando conta de um processo gradual de representação da separação do corpo materno, de poder existir fora dele e, então, falar por si mesmo, se alimentar sozinho, usar o banheiro são exemplos disso. Em seu fazer, a criança atua os significantes que lhe atravessaram em seus tempos mais primordiais e, dessa forma, assujeita-se. Ela vem com os significantes que a constituem, originários da mãe, e os põe em cena na escola. A criança está em plena constituição do laço social.

Ao começarmos o ano, realizamos entrevistas com um familiar responsável a fim de termos alguns elementos para conhecer as crianças e, no contato com elas, favorecemos um ambiente que convide a brincar. Desta maneira vamos reunindo o que pode haver de significativo sobre cada uma das crianças com o objetivo de propor um trabalho.

Na entrevista inicial, uma mãe contou que seus filhos gêmeos são muito ligados um ao outro. Um é mais independente, o outro mais dependente. Um cuida do outro. Quando um adoece, o outro também decai. Na hora do nascimento a mãe foi surpreendida pela presença de "outro bebê na barriga" [sic]. E, assim como em tantos 'romances' familiares, "o pai deles nem quis saber. Quando soube que eram dois... aí é que

¹ Do texto do convite da comissão editorial, endereçado por email aos membros da APPCOA, em 23/03/09.

sumiu mesmo" [sic]. Em seu registro, os bebês têm somente o nome da mãe.

No final da tarde, quando vem buscar os filhos, ela olha para um e diz "meu bebê", o toma no colo e o beija. Mas o outro, lá na sala, escuta este chamado e vem correndo. Ela nada diz, ou melhor, diz que ele sempre pede para também vir no colo.

Estes irmãos são idênticos, univitelinos e tinham por volta de dois anos de idade quando começaram a frequentar a escola. Naquela entrevista, perguntei como a mãe diferencia um e outro. Ela disse que às vezes se confunde, mas que "um tem um furinho aqui na orelha" [sic] (aponta para o lugar). Nas primeiras interações com eles, chegamos a lançar mão deste recurso, mas, ao procurarmos o tal 'furinho', a reação do menino fez supor que ele ficou incomodado. Então, em qual traço nos poderíamos apoiar para diferenciá-los? O que haveria de diferente na aparência? Uma nuance de tom de cabelo foi uma primeira aproximação possível para diferenciar um, com cabelo mais escuro, do outro, com cabelo levemente mais claro.

Os dois irmãos gêmeos foram enturmados no mesmo grupo por se entender que a entrada na escola constitui um momento de separação do núcleo familiar que precisa ser trabalhado com cuidado e sensibilidade. No caso de crianças gêmeas, também está em jogo uma outra separação, tendo em vista que a identidade de um irmão ainda não é sem ser o outro. Isso porque as crianças experimentam o espelhamento com o semelhante ao se constituírem no laço social. Já os gêmeos têm uma anterioridade lógica, a condição de ser irmão gêmeo, e a descoberta do semelhante, do diferente, vai exigir olhar para um outro, para um não-irmão. Qual é a diferença, então? Se a aparência da imagem está dada biologicamen-

te como (quase) idêntica, é preciso trabalhar a diferença que o significante possa estabelecer.

Na adaptação, ainda na sala, chamando-os para brincar e conhecer o ambiente, a mãe dos meninos gêmeos apresentou as motocas e ali os colocou sentados. No outro dia, ela se distanciou da sala e foi com este brinquedo que eles se envolveram. Em outra ocasião, quando eu chegava para lhes desejar 'bom dia', um continuou com sua atividade e o outro veio sorridente e me disse 'moto' [sic]. Pensei que poderíamos ter, então, o significante que estabeleceu a transferência deste menino com a escola. O brinquedo 'moto' operou como objeto transicional quando a mãe saiu da sala e é, também, o significante que sustenta a falta dela e o leva a brincar. Também podemos pensar que o menino tenha feito um endereçamento ao me apresentar a 'moto' e, assim, me inseriu na cena do seu brincar.

Ele desdobrou este significante em brincadeiras que organizavam algo do seu arsenal de linguagem, produzindo onomatopeias para as máquinas que andam sobre rodas, explorando os objetos que se prestavam a rodar e girar, experimentando seu corpo em outros carrinhos, fazendo deslocamentos... Este menino atuou o significante que a mãe lhe deixou na entrada da escola, constituindo brincadeiras estruturantes tal como se descrevem nos livros². Uma escuta cuidadosa da mãe e dos meninos também estabeleceu uma diferença na leitura que se fez sobre estes sujeitos, reconhecidos em sua singularidade. Neste sentido, é necessário cuidado quando se diz que 'ele gosta de moto' ou quando se usa isso (moto) como recurso de troca ou, quiçá, chantage. Sim, aqui é um alerta aos que atuam com os pequenos nas escolas: no caso que relatamos, 'moto' é muito mais do que ele gosta

² Ver JERUSALINKSKY, 1999.

e é algo que o constitui.

Identificada com a ética da Psicanálise, a realização desta abordagem em escola infantil implica escutar o que um sujeito produz na sua interação com os outros sujeitos, com os objetos tangíveis ou imaginários, com os espaços e a temporalidade para, a partir daí, propor situações que favoreçam e estimulem o desenvolvimento de aquisições instrumentais, quais sejam, as da linguagem, psicomotricidade, hábitos de vida diária, processos de pensamento e cognição e o jogo simbólico. Isto é, buscamos propor intervenções que resultem no desenvolvimento do tripé estrutural do sujeito em seus aspectos biológico, cognitivo e psíquico, sendo essa tecitura sustentada pela produção do sujeito psíquico.

Através das aquisições instrumentais, do funcionamento das mesmas e das interações, um sujeito articula-se discursivamente, considerando-se que o brincar é fundamental como forma de articulação discursiva da infância. Uma escola que reconhece os sujeitos nela implicados - crianças e adultos - e inclui suas produções e demandas na tecitura da rede *discursiva institucional*³, é viável como produtora de saúde, tanto no âmbito singular quanto no coletivo.

Outro caso que podemos trazer para as reflexões a partir deste texto é o de uma menina que começou a frequentar a escola com um ano e nove meses. Sua mãe trabalhava à noite, voltava para casa de madrugada e a irmã mais velha era quem cuidava dos irmãos menores, inclusive acompanhando a caçula no período da adaptação. Dessa maneira, mãe e filhos somente se encontravam de manhã cedo, quando era hora de vir para a escola. O choro dessa menina era quase ininterrupto, mostrando-se inconsolável. A certa altura começou a morder seus colegas e, isso trouxe mal-estar para nós adultos, gerando atitudes

de repressão que, de certa forma, escoavam a nossa angústia, mas não tinham efeito sobre as repetições da pequena menina. Fiz a hipótese de que quanto mais mordida, mais o outro lhe escapava pelos buracos do corpo; inclusive ela mesma escapando ao outro, pois a apreensão de sua mordida era tanta que fazia sangrar.

Esse sujeito liquefeito e amorfo demandava algo que fizesse continente ao que lhe escapava pelo corpo sem fazer borda: otites de repetição com pus, amigdalites e bastante salivação, secreção nasal, diarreias frequentes. Identificamos que ela aceitava a aproximação da estagiária, a quem também pedia colo e, então, a partir deste primeiro enlace, começamos a trabalhar. Parecia necessário significar o par *significante prazer-desprazer* (por vazar) e, então, a estagiária interagiu com a menina, por exemplo, através dos banhos que fizessem contorno e toque no corpo pela mão, pela água, pela voz. Também introduzimos as brincadeiras que colocassem em jogo o *fort-da*, assim como as que envolvessem os limites e bordas dos outros sujeitos, objetos ou espaços: cantigas de roda, atravessar o túnel, se esconder na caixa, transvazar líquidos ou areia nos potes, montar e desmontar torres, andar no escorregador ou balanço, dentre outras. Esse contexto favoreceu mudanças no comportamento da menina que, a certa altura, passou a derramar o conteúdo da sua caneca proposital ou acidentalmente. A repetição disso me fez questionar se tinha acontecido de, então, passar a vazar o objeto que está fora do seu corpo numa função transicional significativa, podendo, assim, representar os limites do seu corpo, distinguindo conteúdo e continente ou, ainda, o que está no corpo e fora dele.

Segundo MOLINA (1997), fragilidade ou

³ Termo que proponho em SILVA, 1997.

falha simbólica no exercício da função materna pode resultar em sintomas no bebê, dentre eles, anomalias das bordas pulsionais: da esfera respiratória e auditiva [rinofaringites e otites, asma e espasmos de soluço], oro-alimentar [anorexias e obesidade], esfíncteriana [enureses, encopreses] e corporal [perturbações tônico-emocionais]. Sabemos que não há função ou funcionamento materno ideais (LEVIN, 2001) e, portanto, o caso que apresentamos diz dos efeitos da forma como se organizou o diálogo mãe-filha.

A realização de nosso trabalho exige uma posição que, por vezes, faz suplência à função materna, tendo em vista o período integral em que as crianças permanecem na escola e a precariedade de algumas famílias. Foi nessa intenção de certa suplência que direcionamos a abordagem junto a esta menininha. No desenvolvimento do trabalho, o faz-de-conta se estabeleceu e seu brincar passou a funcionar efetivamente no laço social, especulando com os outros para assegurar o objeto da vez (o brinquedo, a atenção) e, assim, produzir seu brincar.

No enlace transferencial que as crianças constituem conosco, identificamos que uma de nós costuma ser escolhida para ser quem vai acolher as demandas da criança de maternagem e função materna para, então, fazer funcionar a adaptação à escola de modo mais 'familiar'. Na acolhida, esse adulto - talvez parecido com a mãe, talvez com um gesto semelhante ao dela - funciona como referência para a criança, chamando-a a brincar, emprestando-lhe o colo ou as palavras quando a distância da mãe se registra como angústia. É precisamente neste espaço de distanciamento de corpos que trabalhamos nos períodos de adaptação à escola.

Quando uma adaptação causa sofrimento, acompanhamos com cuidado também a mãe, para identificar o momento em que ela sente-se confiante e 'dá o passe': geralmente é o

momento em que cansa do choro, diz que precisa voltar para casa ou resolver um assunto. A realidade se impõe a ela e seu filho como corte, afinal, não poderia ficar tanto tempo à disposição dele na escola. É nesse momento que se mostra uma situação fértil para esta entrega que ambos precisam fazer: a mãe vai, o filho fica.

A entrada de uma criança na escola pode representar mudanças significativas na vida de algumas famílias, como retomar o trabalho ou estudo. No início de nosso trabalho com os pequenos, empenhamo-nos para que se estabeleça entre nós um enlace de confiança e afeição, que será a base para tudo o que se desdobrar disso. A cada manhã se despedem das mães acenando, falando, beijando, chorando... Ao longo do trabalho, vamos passar por outras despedidas igualmente significativas: o desmame, a transição da mamadeira para o copo e a retirada de fraldas são exemplos de acontecimentos subjetivos relevantes que também remontam à mãe e que podem acontecer com as crianças na passagem pelo berçário.

Como se vê, ricas experiências acontecem ao longo de um ano com um grupo de crianças, o que exige de nós um olhar sensível e uma escuta apurada para favorecer a relevância do sujeito.

Na sua chegada, um outro menininho sorriu, interagiu no ambiente e, na sequência de dias, chorou muito. Era um choro que sugeria um lamento e, assim, começou a se delinear a preferência pela monitora que, na ocasião, estava grávida. Ele recusava-se a comer na hora das refeições e nos dava poucos indícios sobre suas preferências. Para dormir, chorava e gritava muito, parecia estar chamando alguém. Relutava na companhia da monitora que lhe oferecia colo e se dispunha a ficar ao seu lado, mas nada resolvia, até que cedia à presença dela e se entregava ao sono. Certo dia, ainda neste 'embate', estava deitado próximo ao gan-

cho das bolsas de brincar e, com isso, descobrimos que uma bolsa podia servir para conciliar o sono, declinando, inclusive, da companhia da monitora.

Também neste caso, identificamos um objeto que fez limite ao desatino de chamar por alguém que lhe trouxesse um sono conciliador; objeto esse que talvez funcione de maneira semelhante à necessidade do bico ou da mamadeira para adormecer. Estes objetos têm uma carga significativa que remonta à presença materna: o "bi-bi", o "mamã" e, também, a bolsa, que pode representar uma mãe que leva os filhos até a escola e sai para passear ou trabalhar.

Nos processos de adaptação à escola, empenhamo-nos para que a criança venha a produzir, no espaço de distanciamento de corpos (mãe - filho), representações possíveis para significar o enunciado de todas as manhãs: "Tchau, mãe!". E também nos empenhamos para que o adulto testemunhe este dizer, a partir de reconhecer o sujeito como único e singular, viável para se constituir na interação com os outros.

REFERÊNCIAS

- JERUSALINSKY, Alfredo et al. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- LEVIN, Esteban. **A função do filho: espelhos e labirintos da infância**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MOLINA, Sílvia. O sintoma do bebê. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. **Sintoma na infância**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997. p. 15-20. (Revista, n. 13)
- SALES, Lea M. Martins ; SOUZA, Marcelo Nogueira de. Quando a escuta psicanalítica pode "fazer a diferença" numa equipe interdisciplinar? In: WANDERLEY, Daniele Brito (Org). **O cravo e a rosa: a psicanálise e a pediatria: diálogo possível?** Salvador: Ágalma, 2008. p. 67-80
- SCARPARO, Maria de Lourdes Duque-Estrada ; POLI, Maria Cistina. **Psicanálise e assistência social: uma**

escuta psicanalítica. Disponível em: < http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/TR_4166.pdf. > Acesso em: 3 maio 2009.

SILVA, Ana Cristina Del Grande da. **Decifra-me ou devoro-te: uma instituição frente a seus enigmas**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

Recebido em: 03/08/2009

Aprovado em: 28/10/2009